



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RICARDO RODRIGUES GASTON

(depoimento)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-16

Entrevistado: Ricardo Rodrigues Gaston

Nascimento: 11/12/1928

Local da entrevista: Residência do entrevistado – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Júlio César Bueno Perciúncula e Berenice Machado Rolim

Data da entrevista: 02/12/2002

Transcrição: Júlio César Bueno Perciúncula

Conferência Fidelidade: Berenice Machado Rolim

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Johanna Coelho von Mühlen e Júlio César Bueno Perciúncula

Fitas: (01 fita) 16/01-A e 16/01-B

Total de gravação: 35 minutos

Páginas Digitadas: 21

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01215/2005/01

Nº da fita: 01215/2005/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

GASTON, Ricardo Rodrigues. *Ricardo Gaston (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

Sumário

Início com praticante de judô; outros participantes de judô nas décadas de 60 e 70; criação da Federação Gaúcha de Judô; locais da prática de judô, jiu-jitsu e outras lutas em Porto Alegre; uniformes e pisos usados na época para a prática das lutas; evolução técnica do judô.

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2002. Entrevista com Ricardo Rodrigues Gaston, a cargo dos pesquisadores Júlio César Bueno Perciúncula e Berenice Machado Rolim para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Professor Ricardo, qual a sua... Quando o senhor entrou pro judô o senhor teve alguma influência de parentes, familiares, amigos?

R.G. – Não, o que eu tive no início da minha participação no judô foi o professor Loanzi¹, eu comecei a fazer, não era bem, nós não tínhamos judô, o professor Loanzi não era professor de judô, o negócio dele era chão, de pé não fazia nada. Aí nós começamos a buscar, pegamos o Bugre², porque é uma das pessoas que me levou também e aí começou o Matias³, o Cleto⁴, aquele time todo. E numa reunião que eu tive com alguns elementos do esporte e me levaram a criar uma federação, aí criamos uma federação, teve muita coisa votando e revotando e aceitavam e não aceitavam e através de um, eu não recordo o nome dele agora, um vereador, ele nos deu apoio e nós criamos a Federação Gaúcha de Judô⁵. Tivemos que modificar algumas coisas do Estatuto que eu peguei três estatutos de federações diferentes São Paulo, Rio e uma terceira que eu não me recordo quem era. E dali fizemos uma, tiramos uma daquele alí. São Paulo era do tamanho dum bonde, o Rio outro também, nós era desse tamanhozinho. E a coisa foi caminhando e taí o que tem aí, até hoje.

J.P. – Certo. E quando o senhor ingressou qual era o local?

R.G. – O local era o professor Loanzi.

J.P. – Na academia Rui Barbosa⁶?

R.G. – Na academia Rui Barbosa, é.

¹ Aloízio Nogueira Bandeira de Melo.

² Bugre Ubirajara Marimon de Lucena.

³ Carlos Matias Pauli de Azevedo. Atual Presidente da Federação Gaúcha de Judô.

⁴ Cleto Alves Mendes. Que teria iniciado o judô no Lindóia Tênis Clube e no Petrópolis Tênis Clube.

⁵ Federação Gaúcha de Judô: fundada em 1969/70.

⁶ Esporte Clube Rui Barbosa.

J.P. – E que ano que era?

R.G. – Ah, agora sim... Eu tinha, para aí um pouquinho, eu tinha trinta e três anos, eu estou hoje com setenta e cinco, setenta e quatro, tinha que dividi para ver quanto, que ano dava isso aí.

B.R. – Ah pára aí, dois mil...

J.P. – Depois a gente pode fazer o cálculo [riso].

R.G. – Tá.

J.P. – E a sua participação, assim, desde o início, o senhor iniciou como atleta ou era mais treinamento?

R.G. – Não quando eu criei a Federação eu já não fazia mais, não fazia mais judô. Eu só fiquei grudado nessa tal de Federação. Eu não fazia mais judô.

J.P. – Sim. Certo. O que a gente está tentando buscar é como que o judô se formou aqui no Estado. Então teve a Federação, ela na verdade ela é um marco, tem um momento antes da Federação e um momento após a federação. Agora, nesse momento, o quê que o senhor poderia nos informar sobre antes da Federação, como é que se dava o judô aqui no nosso Estado?

R.G. – Bom, nós estávamos, nos usávamos o... Como é, para aí um pouquinho, desliga um pouco, pra mim botar a cabeça aqui, para aí um pouquinho! Nos não tínhamos a Federação ainda, então na estávamos [palavra inaudível], o professor Loanzi era o presidente, do que que ele era presidente, meu Deus? A coisa começou tudo no professor Loanzi, na academia dele, e ele era presidente... agora tu me matou.

J.P. – O senhor quer fazer uma pausa?

R.G.– Pára um pouquinho.

J.P. – Tá, vamos fazer uma pausa então.

J.P. – Deu. É, o senhor estava falando sobre o professor Loanzi.

R.G – Professor Loanzi. Ele tinha umas conversas meio gozadas, chamava a gente desse ou daquele, aquele outro, não vou dizer porque se não vocês vão botar no papel não da certo. E, o professor tinha três faixas preta, três mudo, mudo.O que mais falava dizia assim: - Gaston. Foi só o que eles aprenderam a dizer, comigo, e me levaram, eu apanhei desses caras quase um ano.Entrava um eu apanhava, entrava outro eu apanhava, até que chegou um dia eu disse: “professor, hoje eu quero falar com os três aí” o Professor: “Mas o que que tu quer?” . Eu quero tira uma casquinha desses caras aí, ele me devem três, um ano inteiro eles me deram pau, vão tomar pau. Eu já era faixa marrom, aí passei os três né, um atrás do outro. Um é do DMLU⁷ o outro é alfaiate e o outro mecânico, estão no Rio de Janeiro, os três. Parceiros os três. No mesmo dia eu passei à faixa preta [risos].Tu vê como são as coisas. E dali é que o judô cresceu.

J.P. – E que ano era esse que o senhor passou pra preta?

R.G. – Ah, mas esse, eu não tenho esse dado pra te dar cara. Assim de cabeça eu não sei não.

J.P. – Mas era antes da Federação?

R.G. – Sim, muito antes da Federação. Nos passamos muitos anos sem a Federação. A Federação foi numa reunião que nós fizemos lá no professor Loanzi, Bugre, Matias, Cleto. Tinha quase todos os faixas pretas ali no troço, para escolher um presidente. Fazer uma Federação tem que ter um presidente, tem alguém que vai trabalhar. Bom, então eu juntei o Bugre, o Bugre não aceitou, o Matias não aceitou, o Cleto não aceitou. Tem mais um, eram quatro.

J.P. – O Delamar⁸ estava?

⁷ Departamento Municipal de Limpeza Urbana.

⁸ Delamar Teixeira.

R.G. – O Delamar, não. O Delamar e o Osvaldo⁹ não queriam nada, só judô e acabou. Aliás, o Osvaldo é sétimo grau?

J.P. – Oitavo.

R.G. – Oitavo grau, e o Matias, o Renan...

J.P. – O Delamar.

R.G. – O Delamar. O Delamar largou o judô, porque ele se formou e queria chegar lá em cima. Ele saiu comissário. O Osvaldo é [palavra inaudível] não é nada, ele, ele queira ou não queira ele é. Então ele largou o judô, teve mais de dez anos fora do judô. Tanto voltou agora, com o Matias, ajeitamos a coisa, ele pegou o quinto grau, agora vai para o sexto, vai para o sétimo até chegar no Osvaldo. Mais entre ele e o Osvaldo... O Delamar era um artista e o Osvaldo não era um artista. Mais como ele está lá cresceu e vai embora, né, tudo bem. Então a situação foi essa, meu amigo. Foi ali que eu criei com apoio dessa gente toda, do próprio professor Loanzi. Eu devo ter alguma coisa aí em casa aí, do professor Loanzi. Se criou uma Federação e começamos a trabalhar, né. Nós começamos a trabalhar com nove, nove clubes. Hoje está em cinquenta clubes, sei lá quantos, isso é uma loucura.

J.P. – Nesse momento...

R.G. – As faculdades entraram, todo mundo entrou.

J.P. – Nesse momento da criação da Federação, essa passagem da Federação do Pugilismo pra Federação de Judô no qual o presidente da Federação de Pugilismo o senhor disse quem era mesmo? Era o?

R.G. – Professor Loanzi.

J.P. – Professor Loanzi. E essa passagem, ela foi pacífica?

⁹ Osvaldo Monteiro dos Santos.

R.G. – Pacífica. Tanto é que eu quis botar o professor de meu vice e ele não aceitou. Porque ele tinha que ser o presidente, mas como eu criei a criança, eu fui ser o presidente. Mas ele vinha acompanhava, ele tinha sempre um lugar especial para ele, a gente respeitava o velho. E a coisa foi embora, ele foi acertando, entrando, entrando e fomos embora.

J.P. – Certo. É, isso foi no ano de 1969, não foi?

R.G. – Por aí.

J.P. – E no trabalho do professor Maduro¹⁰ consta que a Confederação Brasileira não aceitou o registro em 69, só em 70.

R.G. – É foi por aí a coisa.

J.P. – O quê que houve exatamente que...

R.G. – Houve qualquer coisa lá, que eles não aceitaram. Está errada ali. Mas não foi nada com relação para não aceitarem a Federação, faltava qualquer coisinhas que nos não deixamos de fazer por essa ou aquela razão.

J.P. – Sim.

R.G. – E como eu te disse, eu juntei três Federações e daquela ali fiz uma, aí estava errada aquele, estava errado lá. Bom, nesse foi e voltou, foi e voltou e a, em setenta é que se, que se fechou com a federação gaúcha de judô, aí São Paulo aceitou, Rio aceitou e foi embora. É que eu fiz amizade com um dos cabeças da coisa toda, já morreram os dois. Um morreu agora, há bem pouco tempo, e o outro foi era um dos dono do judô brasileiro, como era o nome dele meu Deus? É um português.

J.P. – O Januário¹¹?

¹⁰ Luiz Alcides Ramires Maduro.

¹¹ Januário Dias Rezende.

R.G. – Não, não português lá no Rio de Janeiro. Bom, sim tu me pegou aqui, [riso], bom vou deixar assim. Eu não guardo o nome dos caras. [riso]

J.P. – É, antes da Federação, tinha a prática do jiu-jitsu aqui.

R.G. – Sim.

J.P. – No Estado.

R.G. – Era o professor Loanzi

J.P. – E entre os judocas que hoje são professores, muitos deles praticaram.

R.G. – Praticaram. A maioria deles, eu também pratiquei com o professor Loanzi.

J.P. – Certo. Agora essa situação que eu gostaria de entender um pouco melhor. O professor Loanzi dava aulas de judô e de jiu-jitsu?

R.G. – Bom, vou te dizer de novo. O professor Loanzi era chão.

J.P. – Sim.

R.G. – De pé ele não fazia nada. Nada. Então nós fomos aprender agora golpe de judô com os professores lá, foram esses que eu te falei, que são os três mudo, mudo e surdo. Esses que pegaram o judô e muita gente começou com ele, e começaram e foram embora. E o professor Loanzi começou a cair fora, então, não queriam mais, ninguém mais queria este jiu-jitsu, eles queriam judô. Porque judô era levantar, era de pé aquele negócio. E acabou o jiu-jitsu lá na Federação. Lá no professor, ele não tinha, era só judô, botava um, eu, o Cleto, o Delamar, Osvaldo.

J.P. – Antes da Federação, o pessoal do jiu-jitsu e do judô costumavam participar dos mesmos eventos?

R.G. – Não. Jiu-jitsu não posso dizer porque eu não participava, mas eles tinham as academias deles lá, etc e tal. Porque no professor Loanzi ele começou com o jiu-jitsu que era o forte dele.

J.P. – Sim.

R.G. – Se tu conheceu ele, não? Era um velhinho pequeno dessa largura assim¹², ele tinha uma paleta desse tamanho. Mas o negócio dele é luta de chão.

J.P. – Sim.

R.G. – Judô é luta de pé. Tem a continuação no chão, mas inicia no pé, quer dizer de pé.

J.P. – Então, na sua opinião ele estava mais associado ao jiu-jitsu do que ao judô?

R.G. – Não. Ele começou lá no Rui Barbosa com jiu-jitsu.

J.P. – Sim.

R.G. – Depois é que nós começamos o judô, com os mudos. Foram os caras que nos deram cobertura. Aí começou a vir o Matias... O Matias dava aula, tinha aula num cantinho lá escondido - não sei o quê - até hoje eu não sei também... Aí veio para fora e começou a fazer judô com todo mundo. Chegou a ser campeão uma vez na vida dele, mas foi campeão, nós estávamos fora daqui de Porto Alegre, quando ele saiu campeão brasileiro, campeão gaúcho.

J.P. - Sim. Tem essa questão que eu vou insistir um pouco mais.

R.G. – Tá, fala.

J.P. – Porque essa questão, assim de judô e jiu-jitsu, na história do judô brasileiro ela é problemática. Tem um período da história antes de 1950, antes da Segunda Guerra

Mundial que não se sabe, a diferença entre judô e jiu-jitsu, a regra era parecida, enfim, aqui no Estado também. A gente encontra em jornais, professores que estavam associados a uma competição de judô e ora eram técnicos de uma competição de jiu-jitsu. Então, é esse ponto assim: Judô e jiu-jitsu, aqui no Rio Grande do Sul, eram bem diferenciados na sua opinião?

R.G.- Bem, bem.

J.P. – A prática?

R.G. – Não, não se misturava.

J.P. – Não se misturava.

R.G. – O cara era judoca ou era jiu-jitsu.

J.P. – Isto.

R.G. – Mas no início era tudo bolo, um bolo só, era só jiu-jitsu, não existia judô. Aí quando o judô começou a crescer, eles começaram a ficar fora.

J.P. – Sim.

R.G. – Aí voltaram, a maioria deles veio tudo para o judô, essa é a verdade. Porque o jiu-jitsu não tinha movimento aqui em Porto Alegre, não tinha gente que interessasse pela coisa.

J.P. – Certo. E com relação, assim, à prática, o judô, no início, não tinha os tatames?

R.G. – Não. Nós tínhamos, olha uma área do tamanho dessa mesa aqui mais ou menos é o que nós tínhamos [riso].

¹² O entrevistado gesticula mostrando o tamanho com os braços.

J.P. – E era confeccionado com o quê, o piso?

G.R. – O piso era [silêncio] Como é o nome daquilo, meu Deus? É, eles chamavam de tatame, mas era de [palavra inaudível]... Para aí um pouquinho. Ora quem é que fazia aquilo, meu Deus?

J.P. – Seria serragem?

R.G. – Não, a serragem já teve um, o professor Loanzi foi serragem.

J.P. – Sim.

R.G. – No início ali foi serragem, aí veio desse tamanho aqui mais ou menos pouco maior que essa mesa aqui, até eu acho que Como é o nome daquele, tem muito clube que tem até isso aí hoje, como é?

J.P. – Os tatames antigos?

R.G. – É.

J.P. – Os de palha?

R.G. – Não. Os de palha aquele.

J.P. – Sim.

R.G. – Tem muito clube que tem ainda esse ainda.

J.P. – Tem.

R.G. – Tem?

J.P. – Tem.

R.G. – É isso, era de palha. Tinha o de palha, era uma peça grande.

J.P. – Isso?

R.G. – Montava e desmontava, era um dente. Desmonta, desmonta, monta, ficava prontinho em dois toques, três toques.

J.P. – E nas academias de jiu-jitsu o piso era semelhante?

R.G. – Olha não sei te dizer. Porque eu não freqüentei aquilo lá.

J.P. – E quanto à indumentária? Já se utilizava o quimono?

R.G. – Já o quimono, era o quimono. E eles também tinham quimono.

J.P. – O pessoal do jiu-jitsu também?

R.G. – Também tinham quimono.

J.P. – Era igual?

R.G. – Igual. É faixa preta também igual, tudo igual. Só que o esporte em si era diferente.

J.P. – Certo. Uma outra coisa professor, a gente sabe que o judô foi criado a partir do jiu-jitsu.

R.G. – Sim.

J.P. – Certo. E Jigoro Kano¹³ criou, através de dois estilos de jiu-jitsu, ele fez o judô. Ok?

¹³ Professor japonês que estruturou a prática do judô moderno.

R.G. – Bom, o judô tem uma passagem que acho que tu não tens aí. É esteve lá conosco quase um ano, um japonês, e ele não dizia que era quarto, nem quinto e nem sexto nem sei.¹⁴ Ele é um faixa preta, tá. E ali que começou no professor Loanzi.

J.P. – Quem era o japonês?

R.G. – Não me pergunta porque eu não sei o nome dele [riso]. Eu quando entrei já tinha gente feita e ele tinha ido embora. O mal dele todo é que ele jogava, ele recebia dinheiro hoje, no outro dia noite botava numa mesa de jogo que tinha lá no Rui, no velho Loanzi no Rui Barbosa.

J.P. – Sim.

R.G. – E nós perdemos aquele japonês.

J.P. – Seria o Takeo Yano¹⁵?

R.G. – O professor Loanzi deve saber¹⁶ o nome, eu não sei te dizer o nome dele.

J.P. – Tá certo.

R.G. – Não sei mesmo. E esse cara que começou o nosso judô ali no Rui Barbosa. Ele mostrou pra todo mundo que o jiu-jitsu é uma coisa e o judô é outra. Então ele apresentava as duas coisas, tu iniciavas a fazer e ele fazia contigo, então o pessoal aceitou a fazer judô que era mais prático e exigia, pedia um pouquinho mais de atenção que o próprio jiu-jitsu que era no chão - agarra aqui, agarra lá - e o judô também tinha o agarra em cima, em baixo e no chão. E perdemos esse japonês.

J.P. – Certo. O judô foi no início, mais um estilo de jiu-jitsu. O senhor sabe que tinha mais de cento e cinquenta estilos de jiu-jitsu no Japão?

¹⁴ Nesta passagem o entrevistado refere-se a possível graduação da faixa do referido japonês (que poderia ser quarto, quinto ou sexto “Dan”)

¹⁵ Nome sujeito à confirmação.

¹⁶ Na verdade deveria saber, pois é falecido há muitos anos.

R.G. – Sim.

J.P. – E o judô foi um dos últimos a ser criado.

R.G. – Hum hum.

J.P. – Esse pessoal que praticava jiu-jitsu, aqui no Estado, qual era o estilo de jiu-jitsu que eles praticavam? O senhor tem informação?

R.G. – Não. Não tenho informação. Não porque eu não pratiquei também. Não fazia parte.

J.P. – Certo.

R.G. – Porque eu sempre fugia da Prefeitura às seis horas da tarde e ia lá para o Rui Barbosa. E ali só judô, só judô. Não, não dava para fazer outra coisa.

J.P. – Sim.

R.G. – Nós íamos ali até dez horas, dez e meia, onze horas, outros dias a gente ia num boteco que tinha ali perto, tomava umas cachaças ia embora, uns vinhos. Era o que aconteceu, Osvaldo, Delamar, o time todo. Eu era o único que não bebia, tomava refrigerante. Mas tomavam os seus tragos lá. E aí? Era um tempo bom, hoje é diferente o troço, mas não há de ser nada.

J.P. – Certo. Bom, na sua opinião, assim, as pessoas que contribuíram para a formação do judô aqui no Estado, quem seriam as pessoas mais...

R.G. – O teu amigo lá, foi um dos caras que nos deu uma colher, viu? Era um cara inteligente, ele conhecia esporte, vários esportes lá na faculdade de vocês e...

J.P. – Quem seria este?

R.G. – Bugre.

J.P. – Bugre.

R.B. – O Bugre foi um braço direito aqui. E depois de montado a coisa, ele se afastou. Ele era segundo, não me lembro se ele foi até quarto comigo, eu sei que ele não queria grau nenhum, ele queria ser o que ele era só. E ele foi uma pessoa que nos deu uma colher de chá muito grande. E o professor Loanzi aos pouquinhos veio chegando, chegando, alguma coisa ele: “Olha, não é assim, é assado; tem que fazer assim não pode fazer assado”. E a coisa foi crescendo aos pouquinhos e chegamos onde chegamos. O Matias está há vinte anos Presidente da Federação [riso]. Aquele só quando morrer.

J.P. – Está certo. Outras pessoas que o senhor julga que seria interessante de a gente entrevistar.

R.G. – Olha, eu posso te adiantar que nós tivemos apoio de muita gente. Uns eram judocas, como é que vou te explicar, um morreu faz uns dois, três anos. Ele tinha uma... A mulher dele está lá ainda, ele era advogado e tinha uma outra profissão, e esse cara entrou com muita coisa, viu, principalmente dinheiro. “Temos que comprar isso” e ele botava para dentro... “Queremos aquele outro” e ele botava pra dentro. É, como é o nome dele? Tu falou ainda pouco nele aí.

J.P. – Januário.

R.G. – Não. Não, mas tu me pegas sem calça cara! Desculpe as calças [risos]. É um pouquinho, ainda ontem eu falei com a mulher dele. Eu estou com o nome da mulher dele aqui, quem é, deve estar por aqui o nome da mulher dele.

J.P. – Eu comentei de Irineu¹⁷.

R.G. – Não.

J.P. – Eu comentei de...

R.G. – O Irineu não saiu da faixa preta. A onde é que está o nome desse cara? É, deve estar... Não está aqui. Vou te dar o nome dele.

J.P. – Certo.

R.G. – Dele e da mulher dele.

J.P. – Fazer uma pausa então.

R.G. – Para aí um pouquinho.

J.P. – Então, essa pessoa que ajudou bastante na construção do judô, se chamava?

R.G. – Jorge Aveline. Era um faixa preta também, aluno do professor Loanzi.

J. P. – Sim.

R.G. – Como sempre, né.

J.P. – O senhor disse que ele era, qual era a profissão dele mesmo?

R.G. – É advogado.

J.P. – Advogado.

R.G. – Entre outras que ele tinha no meio da vida dele, né.

J.P. – Sim. É, quem mais assim contribuiu na construção do judô.

R.G. – Bom, um dos caras que pesou foi o Aveline.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

¹⁷ Irineu Pantaleão Bazacas.

R.G. – A resposta está aqui. Dêem atenção aos artistas que participaram da Federação. Que assim de cabeça tu não me pegas em nada mais.

J.P. – Era Jorge Aveline.

R.G. – Jorge Aveline é um dos cabeças.

J.P. – Certo.

R.G. – Após o professor Loanzi, né.

J.P. – Uma outra pergunta então.

R.G. – Manda.

J.P. – É, nós temos, se eu não me engano, no trabalho do professor Maduro, a indicação de que a luta de chão, aqui no Estado, ela começa a se desenvolver a partir da volta do professor Francisco Vargas Neto¹⁸...

R.G. – Sim.

J.P. – Do Japão, isso procede? Antes do professor Chico ir ao Japão, não se lutava chão aqui no Estado? Não se tinha?

R.G. – Bom né. Bom dia, né?¹⁹

J.P. – [riso] Oi.²⁰

R.G. – Não. Mas o Chico é uma coisa meio gozada, o Chico saiu daqui há alguns anos atrás e a rigor ele largou o judô, tanto aqui como lá fora, porque lá fora ele não fazia judô.

¹⁸ Francisco Xavier de Vargas Neto.

¹⁹ O entrevistado cumprimentou alguém que estava passando pelo ambiente da entrevista.

J.P. – No estágio que ele fez no Japão?

R.G. – Não. Aquele estágio do Japão ao que ele foi é desse tamanhinho, depois disso ele esteve fora do Estado aqui.

J.P. – Certo. O senhor atribuiria o desenvolvimento da luta de chão no Estado ao professor Chico?

R.G. – Olha, ele, não. O Chico tinha a - como é que pode se dizer - no início do nosso judô aqui, o Chico foi um peso grande no judô porque ele sempre foi e vai ser sempre pequenininho e ele passava o pau em todo mundo. Só que o judô foi crescendo e ele continuou no mesmo tamanhinho dele, e então deixou de ser um campeão, ele foi campeão aqui eu acho que oito anos se eu não me engano. Na Federação ele foi uns oito anos, ele foi campeão. Só que o judô, como ele mesmo foi crescendo, alunos dele começaram a dar nele, e o Chico, tu sabes, ficava louco quando apanhava de alguém, ele não aceitava perder. E as coisas estão aparecendo do Chico agora, tu sabes que o Chico teve que operar e vai ter que operar de novo.

J.P. – Sim.

R.G. – A força que ele fazia para manter, derrubar um homem inteiro, que ele não era um homem inteiro, os dois lados dele, estão baleado os dois. Eu agora uns três meses ou coisa parecida, fui no hospital visitá-lo, e ele já tinha uma perna; uma perna já estava ralada e a outra já estava pedindo também e ele não pode fazer mais nada, não tem judô no Chico. Mas foi um atleta que levantou muito o judô no Rio Grande do Sul, ele ia para o campeonato, ganhava. Aqui em Porto Alegre, então, nem se fala, que dava de banho nessa gente aí; até o Matias apanhou dele, com aquele tamanhinho dele. Mas aí os caras foram crescendo, foram crescendo e resolveram acabar com o seu Chico, mas ninguém acabou com o Chico; o Chico acabou ao natural a vida dele. Foi um dos atletas mais... Muito bom mesmo do Estado do Rio Grande do Sul. Era um cara chato: “Não porque eu quero assim, porque eu quero assado”. Não encrensa, não é bem assim o negócio. Então eu não vou lá, era o que ele dizia para ele, então eu não vou, vou lá. E no fim ele acaba indo. Mas a

²⁰ O entrevistador cumprimentou a mesma pessoa da nota anterior.

vidinha do Chico foi muito boa aqui e foi um atleta muito bom nosso aqui. Lamentavelmente ele envelheceu como todo mundo envelhece, ele usou demais aquelas perninhas dele e...

J.P – Sim.

R.G. – A sua vez se foi.

J.P. – E com relação à luta de chão especificamente.

R.G. – O Chico também era bom de chão.

J.P. – Mas, se deve a ele a luta de chão no Estado?

R.G. – Olha, não posso te dizer, porque eu não acompanhava muito. A competição do Chico era a gente ficava tudo aqui agora, vai agora, vai entrar, vai entrar, vai derrubar... “Bam”, acabou. Quando era um cara grande conseguia levar ele para o chão e ele se virava e saía, a melhor besteira que o cara fazia, era fazer luta com o Chico de chão; porque ele era muito rápido e muito ligeiro. Ele pegava um cara como tu e era dois toques, ele estava em cima de ti, e tu mudavas para um lado ele ia para o outro. Bom, ele tinha três, quatro, cinco ou dez que tu possas imaginar, no momento que ele te botava no chão ou tu levavas ele para o chão, podes ficar certo que ele estava em cima de ti em dois minutos e pra tu saíres depois era brincadeira. [riso] Ele era muito rápido, pequenininho mas rápido, né. E foi um dos atletas... Um dos primeiros atletas gaúchos aqui que ajudou a levantar, uma participação da Federação. E agora está meio velho e casado, com filho, e já não é mais o mesmo homem. [risos]

J.P. – Natural. [silêncio] O professor Irineu Bazacas...

R.G. – O Bazacas foi uma passagem.

J.P. – Ele , foi, como assim, uma passagem?

R.G. – Ele não era o bicho.

J.P. – Ele relata que inicio com o professor Takeo Yano.

R.G. – Takeo Yano.

J.P. – Né, na década de cinqüenta ainda.

R.G. – Isso.

J.P. – E que esse professor teria promovido para a preta em cinqüenta e três.

R.G. – Sim. Ele não saiu da faixa preta.

J.P. – Certo. Eu vou fazer uma pausa aqui pra virar a fita.

[FINAL DA FITA 16/01-A]

R.G. – Foi uma loucura. Mas ele continua, ele é primeiro, ele é primeiro grau na faixa preta.

J.P. – Sim. Então, pelo jeito, houve faixas pretas promovidos antes da criação da Federação.

R.G. - Sim.

J.P. – Ele seria um destes?

R.G. – Ele é um deles. Eu, eles. Tem mais gente aí, tem mais gente. Só que assim é difícil de localizar, assim.

J.P. – Certo.

R.G. – Esse aí, de vez em quando ele vinha aqui, agora eu não vejo ele há muito tempo, nem sei como ele tá.

J.P. – Tá bem.

R.G. – Tá bem?

J.P. – Tá bem. [riso]

R.G. – Foi teu aluno? Tu foi aluno dele ou não?

J.P. – Não. O Breno²¹. [riso]

R.G. – O Breno, então.

J.P. – O Alexandre Nunes²² também. Pois é, nós temos registrado como os primeiros faixas pretas que seriam: O Newton, o Osvaldo e o Delamar.

R.G. – O Delamar...

J.P. – Que seriam os três primeiros faixas pretas no Estado.

R.G. – Para aí um pouquinho. Newton?

J.P. – Delamar.

R.G. – Delamar e Osvaldo, tá.

J.P. – É.

²¹ Breno Herbert Jones.

²² Alexandre Veli Nunes.

J.P. – Esse é o registro que nós temos atualmente, que eles teriam sido os três primeiros faixas pretas.

R.G. – Não. Acho que o Matias está junto. Só que o Matias era um aluno do professor Loanzi. O professor Loanzi, então, dava uma faixa para o pezinho dele manter a grana lá dentro, mas o Matias não era judoca de competição; depois é que ele voltou a fazer competição, mas se eu não me engano, ele era segundo grau e os três passaram, primeiro grau. Mas deixa assim para não dar confusão.

J.P. – Certo. O senhor já, chegou acompanhar aquela fase que tinham as lutas de “catch” aqui no Estado?

R.G. – Não.

J.P. – Não?

R.G. – Eu fui uma vez ou outra aqui na Borges.²³ É na Borges, né?

J.P. – Isto.

R.G. – Tinha ali um troço. Fui ali uma ou duas vezes, não fui mais.

J.P. – E o pessoal do judô, o senhor tem informação de que participavam, e com relação, assim, a lutas de vale tudo.

R.G. – Não.

J.P. – Não?

R.G. – Quem é o único atleta que nós tínhamos que fazia esse tipo de luta era o... Ele já era da luta livre, eu que tirei da cabeça dele que ele ia perder a faixa preta, para ele escolhe ou ia fazer as lutas dele, aquelas marmeladas que eles faziam ou ter a faixa preta. Hoje ele

vende material para o Matias, medalhas, não sei o que mais. Como é o nome dele, meu Deus do Céu? Tu deves conhecer ele!

J.P. – O apelido, Scaramuch.²⁴

R.G. – Scaramuch. Scaramuch.

J.P. – Tá certo. Deixa eu fazer uma pausa aqui.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²³ Avenida Borges de Medeiros, localizada no centro de Porto Alegre.

²⁴ Nery Sator de Melo.